

RECENSÕES

SIDDARTHA MUKHERJEE, O IMPERADOR DE TODOS OS MALES. UMA BIOGRAFIA DO CANCRO .

TRADUÇÃO DE MIGUEL COUTINHO E RAQUEL DUTRA LOPES
LISBOA: BERTRAND EDITORA, 2012, 724 PÁGINAS.

Quando se tem pela frente uma obra multi-galardoada, que inclui o *Prémio Pulitzer 2011*, o *Guardian First Book Award* ou o *PEN/E.O. Wilson Literary Science Writing Award*, a par de toda uma gama de notas críticas altamente positivas, pouco ou nada poderia um revisor português revelar que já não tivesse sido anteriormente apontado por outrem. Não nos cabe trazer aqui estas outras recensões à colação. No entanto, seria igualmente difícil não fazer uma referência ao trabalho de Siddhartha Mukherjee, obra que tem todo o interesse para os cultores da história da saúde e que em pouco tempo se tornou um *best-seller*. Talvez por esta última razão, e mais do que pelo conteúdo expresso na obra, a editora Bertrand tratou de a traduzir em português, labor de Miguel Coutinho e Raquel Dutra Lopes que em nada fica a dever ao original – *The Emperor of All Maladies. A Biography of Cancer* – saído a lume em 2010 do prelo da Scribner.

Traduzido em várias línguas e obtendo uma divulgação mundial apenas assemelhada à candência do tema, o que mais cativa é a forma elegante e fluida com que o autor discorreu sobre a doença. Partindo das suas vivências do tempo presente enquanto médico oncologista e alicerçando a *biografia* do cancro numa pesquisa histórica estruturada em fontes secundárias, mesmo para os puristas inflexíveis das fontes primárias este trabalho não pode deixar de ser visto como uma excelente obra de síntese. E até esses ficarão surpreendidos quando verificarem que existe uma importantíssima recolha de material parcialmente inédito, bebido diretamente de fontes primárias como os arquivos de Mary Lasker, Benno Schmidt, George Papanicolau, William Halsted e Rose Kushner, entre muitos outros nomes impossí-

veis de contornar quando se trabalha esta temática. Mais ainda, não faltaram a correspondência e as fotografias pessoais de Sidney Farber, disponibilizadas pelo filho do próprio.

E se enquanto contributo historiográfico pouco mais se poderia dizer que já não valesse por si só uma leitura atenta, o autor destaca-se pela originalidade do discurso, pela exposição de uma «guerra» que desde sempre tem colocado o ser humano em confronto permanente com esta doença. Recuperando a já clássica abordagem metafórica de Susan Sontag em redor dos processos patológicos e sem enjeitar «a metáfora do tempo dominante» empregue por David Cantor, ao longo de 6 capítulos o autor embrenha-se na história de Sidney Farber e Mary Lasker, recuperando muitos outros nomes e acontecimentos ao longo do caminho.

Apesar de desenterrar personagens e eventos que vão da Grécia antiga até aos dias de hoje, a perspetiva é claramente norte-americana e centrada na história do século XX. Mukherjee não recusou nem regateou o uso constante a uma linguagem belicosa, expressa em terminologia que desde finais do século XIX tem sido utilizada naquela que se passou a conhecer como «guerra contra o cancro». Como refere na nota de abertura, lançou-se na redação do livro depois de ter estado um ano nas «trincheiras» do hospital (p. 18). O fio condutor deste combate acaba por ser uma pessoa comum: Carla, que vence a batalha contra uma leucemia, trazendo o calor de uma face humana com quem o leitor se pode identificar.

E talvez o que mais surpreende – ou talvez não – é o facto de ser um «não-profissional» da História o responsável por trazer à arena da literatura uma biografia do cancro, ou no dizer dos historiadores das ciências biomédicas: a

realizar uma prosopografia/ historiografia da doença oncológica, conjugando harmonicamente e num mesmo lugar diversos ambientes e contextos: cultural, científico, laboratorial, social e político, onde mostra uma sensibilidade que desatrema. E dizemo-lo porque não é fácil encontrar estes predicados reunidos num mesmo texto, muito menos numa pessoa só, da mesma maneira que na historiografia em torno desta doença tais exemplos não abundam.

Como já tivemos oportunidade de referir noutras circunstâncias, a complexidade do cancro na integralidade das suas diversas dimensões: biológica, humana e social, tem reforçado a necessidade de articular as ciências da vida com as ciências sociais e humanas, implicando a abordagem da projeção histórica de uma doença que tem assumido foros intemporais de fatalidade sócio-sanitária e que no tempo presente constitui um assunto transversal e incontornável, tanto mais que toca com muita frequência a nossa vivência humana. Contudo, ao contrário da abordagem de outras patologias com grandes efeitos na mortalidade e/ou de cariz epidémico, escrever a história do cancro tem sido um exercício que resultou de um interesse tardio, um pouco na razão direta do incremento da frequência, impacto e visibilidade enquanto problema de saúde pública ao longo do século XX, bem como das maiores perspectivas de profilaxia, curabilidade e/ou cronicidade que tem vindo a adquirir¹.

Visto sob este prisma, a leitura de *O imperador de todos os males* é não só oportuna como necessária, por ser um contributo assente num discurso que vai muito além do ambiente ainda algo circunscrito dos cultores da história das doenças. Sem gerar rutura epistemológica – longe disso, nem seria esse certamente o objetivo do autor – não pode deixar de ser encarado como um poderoso ensaio renova-

dor na forma de colocar o grande público em contacto com a perspetiva histórica gerada em torno da doença.

Para os historiadores da ciência nem sempre é fácil fugir dos caminhos já batidos do construtivismo fenomenológico e dos discursos mais ou menos académicos sobre a edificação contextualizada de saberes, ou pelo menos conferir uma roupagem nova que atraia o público a uma leitura que nem sempre é fácil, por se mostrar bastas vezes demasiado técnica ou de circulação algo hermética. Pois Siddhartha Mukherjee dá-nos exatamente o exemplo contrário, e atrevemo-nos a dizer que este será um futuro clássico do género.

Estruturalmente falando, a análise do passado estende-se em capítulos que à partida não nos dizem quase nada, mas que no final da leitura revelam tudo: «*Da cor negra, sem aquecimento [...]*», *Uma guerra impaciente*, «*Desligas as máquinas se eu não melhorar?*», *A prevenção é a cura*, *Uma visão distorcida do nosso «Eu» normal* e *Os frutos de longos esforços*», transportam-nos do presente para o tempo pretérito, aproximando-nos do objeto de análise. Vão aflorando progressos e retrocessos, medos e esperanças, controvérsias e debates. Exibem-se argumentos e ideias médicas, e o resultado final convence.

Para além de um útil glossário, expõe-se uma bibliografia selecionada (p. 703), parte dela já editada em português e onde é possível encontrar alguns autores e títulos já referenciais sobre a história do cancro: James Olson, Richard Rettig, Barron Lerner, James Patterson, Adam Wishart ou Robert Weinberg (o único com tradução em português). Encontra-se ainda a transcrição de uma entrevista do autor à revista *OncNurse* publicada pela primeira vez em 2011, que em muito elucida o leitor sobre os meandros da produção da obra e da própria doença no tempo presente.

Como o próprio Mukherjee referiu, e fruto da forma como se encontra redigida, esta obra interessará certamente mais ao grande público do que aos círculos dos historiadores. Muito do

¹ Cf. COSTA, Rui Manuel Pinto – *Escrevendo a história do cancro. Da situação historiográfica internacional ao caminho por trilhar em Portugal*. «CEM / Cultura, Espaço & Memória», n.º 2 (2011), p. 283-295.

que revela em termos historiográficos já se encontra anteriormente trabalhado, referido e analisado por vários profissionais da História, sobretudo na de matriz anglo-saxónica. No entanto é certo que também os profissionais de saúde – mormente os que se dedicam à oncologia – têm aqui um importante recurso que os deixará melhor informados sobre o caminho calcorreado pelo cancro, que pelo menos no universo da saúde mundial ainda vai sendo *O imperador de todos os males*, ou se fizermos questão de traduzir literalmente o título original: «O Imperador de todas as doenças».

No final da leitura permanece um sentimento de esperança. Mas também de dúvida: se o cancro realmente impera, encontrando-se no pináculo das causas de morte do mundo ocidental, quando será o *Imperador* destronado? O certo é que de momento continua a reinar. Falta saber até quando.

NOTA: Este artigo foi escrito segundo o novo acordo ortográfico.

RUI MANUEL PINTO COSTA
(CITCEM; CEIS20)

